

O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Este jornal publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem ler e quizerem recebê-lo na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas (que fica a arbitrio quanto á importancia, não excedendo de 2\$000 reis por trimestre.)

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno I.

Theresina 30 de Setembro de 1868.

Numero 5

O AMIGO DO POVO.

Theresina 29 de Setembro de 1868.

Varios dos nossos assignantes nos teem pedido para escrevermos em estylo mais claro, — ao alcance de todos os leitores; bem como que não empreguemos termos turcos, que nem todos sabem o que significão.

Concordamos com a primeira representação, que achamos justa; tanto mais quando este periodico foi fundado para o — povo — propriamente dito.

Reconhecemos que, para continuarmos no estylo dos numeros passados, — ser-nos-hia necessario crear escholas nocturnas, aonde esclarecessemos ao homem do povo, fóra das horas dos trabalhos diurnos, ensinando-lhe tudo quanto elle ignorasse e que lhe podessemos explicar.

Receiamos porém o estremecido zelo monarchico da policia, que logo taxaria de *conjuracão tenebrosa* o nosso louvavel empenho de instruir aos ignorantes, obedecendo assim a um preceito religioso.

Não queremos ser prêsas de familiares do santo officio; por isso, em vez de abrir eschola, preferimos escrever em linguagem mais vulgar.

Quanto aos nomes turcos; não nos resolvemos ainda a deixar de fazer uso delles.

Tenhão paciencia os nossos leitores, que devem concordar connosco que o Brazil foi deslocado de entre os ardôres do sol para o clima nebuloso do despotismo musulmano.

Estamos na *Turquia* convencção-se desta verdade os nossos infelizes compatriotas, — e por tanto não ha outro remedio senão acostumarmo-nos com a linguagem dos perros inimigos da cruz.

Entretanto, para que os nossos leitores não continuem a ignorar o que tanto lhes convém saber nesta triste actualidade, na epocha memoravel em que se acha no throno o sultão, Mahmoud II, — daremos as seguintes explicações; que, entre parenthesis, reproduziremos em os numeros seguintes, sempre que se fizer preciso.

Na Turquia, o chefe do estado chama-se *sultão*, *padichah*, ou *grão-senhor*.

A côrte tem o nome de *porta*, *sublime-porta*, ou *porta-ottomana*.

O conselho d'estado chama-se *divan*.

Os ministros chamão-se *vizires*: o *grão-vizir* é o mais graduado de todos. O ministro de estrangeiros é conhecido sob o nome de *reis-effendi*; o do imperio sob o de *kiaia-bey*; o da marinha, *tersom-emini*; o da fazenda, *defterdar*; o da justiça, *mufti* &.

As provincias chamão-se *eyalets* ou *pachalatos*, e são subdivididas em *sandjaks* ou *livahs*: as provincias são governadas por *pachás*, e os livahs por *sandjaks* ou *pachás* de uma só cauda.

Os juizes chamão-se *cadis* e pertencem á classe dos *ulemas* ou doutores da religião e da lei.

O corpo dos *ulemas* compõe-se do *mufti*, especie de grão pontifice e ministro da justiça; — dos *mollahs* que são uns religiosos e magistrados d'alta categoria, residentes nas grandes cidades; — dos *cadis* e *cadileskiers* (juizes com jurisdicção nos campos) e finalmente — dos simples doutores ou *ulemas*.

O principal dos *cadis*, ou *cadí-el-asker*, assiste no *divan* (conselho d'estado) e exerce as funcções de chanceller.

O *Al-korão* é o codigo civil e religioso dos Turcos, que seguem a religião musulmana, fundada por Mahomet ou Mafoma.

Os templos mahometanos chamão-se *mesquitas*: as torres d'estas chamão-se *minarettes*, ao alto dos quaes sobem os *muezzins* (que devem ser cegos) para de lá chamarem os crentes á oração.

Os Turcos chamão *rajás* aos subditos christãos do *grão-senhor*: esta classe é a unica que paga direitos, os quaes são os mais vexatorios possiveis, porque ficão ao arbitrio dos governadores.

Eis aqui os nomes dos mezes:

| | |
|---------------------|---------------------|
| Janeiro | <i>Muharran.</i> |
| Fevereiro | <i>Suphar.</i> |
| Março | <i>Rabié 1.º</i> |
| Abril | <i>Rabié 2.º</i> |
| Maio | <i>Gioumadi 1.º</i> |
| Junho | <i>Gioumadi 2.º</i> |
| Julho | <i>Redjeb.</i> |
| Agosto | <i>Schaban.</i> |
| Setembro | <i>Ramadhan.</i> |

Outubro *Scheival.*
 Novembro *Dulkaiadath.*
 Dezembro *Dulkagiadath.*

A era mahometana conta-se de 16 de julho do anno 622 da nossa era: chama-se *hegira*, de uma palavra arabe que significa *fuga* (a de Mahomet para Medina.)

Duas palavras sobre Juarez.

Benedicto Juarez é um nome maldito entre os amigos da monarchia, porque o heroe mexicano deo ordem para ser fuzilado o intraso Maximiliano; que provavelmente teria feito o mesmo, se por ventura o chefe republicano lhe tivesse cahido nas mãos.

Lamentamos o derramamento do sangue *real*; mas, porque o principe pertencia à especie humana; e não porque fosse de *origem divina*, ou porque fosse o seu sangue—mais precioso do que o do ultimo cidadão.

Para os que não podem soffrer o nome de Juarez, a quem considerão um *monstro*; lembraremos que tambem nas pessoas *sagradas* se encontrão assassinos, de bem feia catalura, mesmo entre o sexo amavel: vejamos isto.

Semiramis, rainha da Assyria e *Catharina II* da Russia—affirma-se terem sido envenenadoras de seus proprios maridos.

Zoé, imperatriz do Oriente, envenenou seu 1.º marido e mandou arrancar os olhos ao 3.º

Leonor Telles, a Lucrecia Borgia lusitana, fez em Lisboa correr abundantemente o sangue de seus inimigos.

Christina da Suecia mandou matar seu amante *Monaldeschi*.

Isabel de França concorreu para o horrivel destino de seu marido Eduardo II d'Inglaterra, mandando assassinar na prisão por Roger Mortimer, amante d'aquella pérfida.

Isabel Tudor, rainha d'Inglaterra, avivou a côr da púrpura real com o sangue de sua prima Maria Stuart.

Si a historia faz menção de tantas criminosas celebres, que forão outras tantas devassas coroadas;—se é longa a serie dos Neros, antigos e modernos, que por brevidade omittimos,—porque é que os cortezaos não podem ouvir, sem uma *nobre* indignação, o nome de Juarez?

Nas Tulherias não se devia fallar em assassino; porque o tio de Napoleão III derramou o sangue do duque d'Engbrien, não fallando no que verteu n'uma centena de batalhas sangrentas: entretanto Napoleão o *grande* é admirado por muita gente, neste mundo de miserias e nas Tulherias sobre tudo!

Illustre casa real.

Theresa, ou Tareja, filha *bastarda* de Affonso VI de Castella, foi mãe de Affonso I de Portugal.

Esta Theresa tinha costumes os mais dissolutos. Affonso I foi avoengo de Pedro I, cognominado o *cruel*.

Pedro I teve um filho *bastardo* chamado João, que depois subio ao throno com o nome de João I.

Este João, assassino do conde de Ourém, teve um filho *bastardo* chamado Affonso, que em 1442 teve o titulo de duque de Bragança. . . .

Eis a illustre prosapia de D. João IV, 8.º duque de Bragança; considerado como chefe da casa real que Timandro denomina—raça de bastardos.

E olhão depois, por cima do hombro, para o plebeo que não procede de tão nobre linhagem!

E as Tarejas?

Fedor.

Este harmonioso nome é o de 3 imperadores russos, dos seculos XVI e XVII; o ultimo dos quaes era irmão de Pedro o *grande* e seu antecessor no throno.

Assim como no antigo Egypto chamavão-se *Pharaós* aos reis—assim se deveria chamar *Fedores* a todos os imperadores: o da Russia, o de Birman, o da Turquia &c.

Nas corrompidas monarchias constitucionaes, o nome não seria muito lisongeiro; mas, apropriado a mais não poder: tivesse paciencia quem não o achasse bonito.

Quando o povo não podesse mais supportar o *Fedor* no throno,—deveria chamar logo o fiscal da camara municipal, que immediatamente tomaria as providencias necessarias, a bem da saude publica; fazendo, pelo menos, defumar o solio, sem ser com incenso. . . .

Todo o cidadão, que tivesse ventas no livre goso de suas funcções, teria direito de queixar-se quando o *Fedor* passasse a excesso: supportal-o-hia em quanto não lhe fizesse dôr de cabeça ou náuseas,—incomodos que todavia não sentirião os cortezaos, apesar do seu bom olfacto. . . .

PARTE SYNTHETICA.

Maximas e pensamentos.

A *fé* é uma lâmpada sagrada, que em se apagando deixa o templo, ou a nossa alma, às escuras: então a *esperança* como que tem medo de lá entrar,—e a *caridade* ou não vê a ninguem, ou tambem não se atreve a penetrar alli, aonde reinão horróssas trevas.

Quem tiver a graça de saber melhor dirigir os nobres impulsos de seu coração,—esse será o mais virtuoso.

A palavra « Eu » por si só—quasi nada significa. E' preciso ver os labios por onde ella sahe: estes servem-lhe até de microscopio e de prisma,—conforme as disposições da luz.

Os elogios têm se estendido ate ao que é torpe; ninguém pois se deslumbre nem se desvanêça com elles.

A sensibilidade é a *intelligencia* do coração: este será tanto melhor, quanto mais guardar as proporções com uma fronte espaçosa.

A politica *machiavelica* é um veneno subtil, com honras de panacéa; assim seja ella preparada por um *chymico* de habilidade italiana.

Ha certos homens que se parecem muito com as aranhas: vivem de fiar suas sedas e de pegar moscas,—fazendo antes ao redor de suas victimas interessantes medidas !

Os levianos—são muitos; os pensadores—poucos: isto faz desconfiar de certas maiorias.

Um voto que não seja de homem egoista, pode representar os interesses de uma nação inteira: a opinião de mil egoistas não representa jamais—um interesse legitimo, porque afinal, há de ser sempre contrária ao direito de quem quer que seja.

TRANSCRIPÇÃO.

Para a justiça da historia no segundo reinado.

Ao ascender ao poder o ministerio de 29 de Setembro de 1848, delle fazendo parte o actual Sr. visconde de Itaborahy, hoje solidario chefe conservador com o Sr. Francisco Salles Torres Homem, escrevia Timandro, a mesma pessoa, no seu *Libello do povo*, o seguinte:

« Sobre as villas de Pernambuco, essas *thermopylas* veneraveis da liberdade do heroismo e do martyrio, jorra então, como a chuva de sangue do exterminio, que em *o* assolára, e que agora mais aperta, agourentando até o horror das lembranças dos procedimentos do regimen colonial.

« Após da devastação militar, vem a procissão dos carrascos, dos patibulos e das victimas. Sedento de vingança, o principe invade o sanctuario da justiça para exigir as cabeças de seus subditos; insta, roga, ameaça, seduz;—mas um resto de consciencia dos juizes, que o exercicio de obedecer e adular de todo não paralisára,—trepida ante o remorso de enviar á morte cidadãos que outro crime não tinham senão o—de anteporem seu paiz a um homem, e a liberdade á tyrannia.—Então compondo, como *Tiberio*, o gesto e o rosto, elle falla de constrangimentos de sua alma, exalta a propria clemencia, e—se reclama a pena capital, é para ter a gloria de commu-

tal-a, e dar a filhos desvairados uma amostra de magnanimidade de seus sentimentos. O embuste decide o juiz; a morte está na sentença; o traidor não perdoa; o cadafalso funciona; e a nodoa indelevel e eterna do assassinato juridico de Rattcliff negreja na fronte imperial !

« Em quanto os bons brasileiros gemem e consternam-se, os cortezãos, os luzitanos, os inimigos e desertores da bandeira da nação, exclamam exultando de jubilo:—Venceu a causa da ordem; a anarchia e a rebelião foram supplantadas, o throno do imperador está salvo!—O throno foi salvo, isto é, dessa época daucta a sua perda; o sangue dos martyres subio á presença de Deos pedindo justiça; a consciencia publica offendida jurou vingança; e o 7 de abril veio cumprir o juramento!

« Assim estreou Pedro I a sua ominosa carreira;—é que outra cousa tinham os brasileiros que esperar de um principe da casa de Bragança?—Não era elle a vergonteia dessa stirpe sinistra a que Portugal deveu, durante dous seculos, o fatal declinio de seu poder e importancia como nação, o aniquilamento de sua industria e a suppressão de suas franquezas?

« Examinaí a historia de qualquer outra raça de reis ignorantes, cruéis e depravados, um ou outro encontrareis, sobre quem a posteridade possa repousar os olhos com satisfação.—Na dymnastia bragançina, porém, nenhum ha que esteja neste caso!!

« O bastardo João IV, inerte, pusillanime e incapaz, nada fez para utilizar os fructos da revolução que, sem esforço seu, o levára ao throno, esse não conspirou abertamente contra o voto publico, foi pela apprehensão de que o povo, em quem servia ainda o entusiasmo do recente triumpho contra o poder de Castella, empunhasse de novo as armas para realisar a declaração ameaçadora, que as côrtes reunidas acabavam de suspender sobre sua cabeça.

« Affonso VI foi a crapula revestida das insignias de rei. Forçado a abdicar por sua ineptidão e desenvolta immoralidade, = como por sua opposição systematica á convocação dos Estados do reino,—acabou miseravelmente os dias em Cintra, onde o conservaram recluso quinze annos.

« Pedro II, moedeiro falso, e responsavel do execrando autho de fe de Coimbra, extinguiu de uma vez as côrtes tão antigas ahi como a monarchia; e com ellas lançaram o derradeiro clarão as liberdades portuguezas. Vendido ao interesse estrangeiro, assignou o fatal tratado de *Methuen*, entregando a industria nacional atada de pés e mãos á Inglaterra, por amor de quem já antes se empenhára loucamente na guerra de successão á corôa de Hespanha contra Philippe d'Anjou e o colosso do imperio de Luiz XIV.

« Seu filho João V, herdeiro de seus vicios e continuador de sua tyrannia, fundou o governo de theocracia monastica saturado de todas as torpesas da superstição. Levando a libidinagem e o desrespeito da honestidade aos extremos do cynismo do animal, fazia dos lugares publicos e consagrados ao culto, theatro de suas infames orgias. Devoto á moda de

Luiz XI da França, dissipou as—immensas riquezas metálicas importadas do Brazil na doação de sumptuosos conventos e na compra de indulgencias. Depois de arruinar a agricultura,—não deixou nos cofres exaustos do estado um óbolo se quer, com que se lhe houvesse a mortalha para ser sepultado.—

« José I, fraco, ignorante e nullo, teria seguido o miseravel trilho de seus antecessores, si a Providencia por um desses prodigios que raramente ella repete, lhe não impuzesse um homem que apoderando-se de sua vontade reinasse em seu lugar.

« O reino de Maria a louca, assignalou-se pelo furor incessante de restaurar os passados abusos, e destruir os actos do governo precedente, sem que a sombra magestosa do grande ministro (marquez de Pombal) podesse reter o braço dos vandalos, que attentaram não só contra os monumentos de sua gloria mas contra os incontestaveis melhoramentos do paiz.

«—Refalsado e suspeito, irresoluto e poltrão, beato sem fé e sem costumes, nababo da Inglaterra, joguete dos mais vis e despreziveis favoritos, estranho a qualquer sentimento de dignidade pessoal e de honra nacional,—patrono dos crimes e disorders de uma cõrte corrompida, tal foi D. João VI, regente e rei!

«—Era esta a linhagem do principe que a sorte nos deparára, e em quem reflectia-se a mór parte dos defeitos originaes, não attenuados pela educação, e antes corroborados pelo veneno depravador das cõrtes!—Todavia algumas grandes qualidades que faltaram á seus antecedentes—dormiam nas sombras da natureza de Pedro I. Um dia o toque da adversidade ha de despertar. —Ha indoles que depuram-se e sublimam-se no crysol do infortunio. Mas por ora o que sopra é o vento da felicidade, o que está visível é a face deploravel do seu caracter!»

O Dr. Francisco de Salles Torres Homem descrevia assim as virtudes publicas e privadas da dynastia bragantina reinando neste imperio!

Revolvia assim, presentes os descendentes das purpuras sepultadas, as cinzas que descansavam debaixo dessas purpuras: abria na consciencia dos descendentes vivos chagas profundas, doridas; abri-as na dignidade nacional que honrava esta dynastia.

Diz-se que a religião da familia, o amor estremeado nesta reside e vivifica-se ainda nos seres que não tem as faculdades da razão e da consciencia em actividade; e nós pensamos assim!

Mas... fatal e inexoravel capricho da sorte!

Dez annos ainda não tinham passado na existencia politica de Salles Torres Homem; e mentia elle á religião de sua propria consciencia, trahindo um grande partido nacional que compromettera; e esse partido é excommungado, e assiste á elevação da apostasia na pessoa de Francisco de Salles Torres Homem, que se eleva á cadeira de ministro de Estado, instrumento do poder executivo de que é chefe legal o neto de D. João VI e filho de D. Pedro I.

E decorrem dez annos incompletos mais e o mesmo Francisco de Salles Torres Homem vai tomar lugar especial pela confiança e estima do neto de D. João VI no conselho do Estado que o tem de aconselhar em lances difficeis, e assim tambem no *areopago* supremo dos sabios e virtuosos *principes* da nação, julgadores ou juizes dos membros da familia imperial, tudo a contento e escolha do chefe augusto da nação brasileira!!

Que magnifico incentivo para as grandes virtudes sociaes no segundo reinado!

Que magnificos e eloquentes fundamentos para a...
Justiça da historia!

(Do *Diario Fluminense*.)

PARTE NOTICIOSA.

CARIDADE.—Uma pobre mulher de nome *Clarinda*, moradõra na rua Grande d'esta cidade, recentemente deu agasalho em sua casa a um soldado invalido que tendo ido para o sul voltara do Ceará, bastante doente.

Canceroso, atacado de gota e quasi louco, o pobre soldado (chama-se Antonio Baptista d'Alencar) foi compassivamente recolhido á casa de Clarinda, que, sendo pobre, estendõo ao desvalido — mão verdadeiramente fraternal.

A acção nobre dessa filha do povo—é digna de admiração na epocha egoistica em que vivemos!

E' tambem digno de louvores o Sr. capitão A. Alves de Noronha, que nos consta ter ultimamente contribuido para que o pobre soldado fosse recebido na santa casa de misericordia, aonde se acha.

THERESOPOLIS.—O *mollah* d'esta cidade, Dominico Pixote, tendo de decidir uma questão de liberdade de imprensa, não quiz acceitar a responsabilidade do autor, um hollandez chamado *Wanderley* e deu a sua decisão, assaz arbitraria, contra o Grego Amarilys Sobrera, impressor: assim procedeu o *mollah* em attenção ás sabias doutrinas de um afamado *ulema* que cursou as aulas dos mais notaveis *médressés* (collegios) de Bukhara!

Que juiz e que letrado! Ambos são dignos do reinado glorioso de Mahmoud II....

LIVAH DE PIRACURUCA.—Os Gregos, não podendo mais supportar a tyrannia do *sandjak* Fonte—n'elle tencionão emigrar....

LIVAH DO PRINCIPE.—J. Dominico, feroz *sandjak* d'aquelle districto, manchado com o sangue de um bispo grego que ha vinte annos foi victima dos *janizaros* (milicia turca)—parece que se acha disposto a fazer martyres, n'esta epocha de compressões inauditas!

LIVAH DE PICOS.—F. Martines, illustre chefe grego, ganhou alli uma assignalada victoria, a 7 do corrente mez.

LIVAH D'INDEPENDENCIA.—Os Gregos obtiverão egualmente um brilhante triumpho.